



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ILSE ENGEL GUTERRES**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-70

**Entrevistado:** Ilse Engel Guterres

**Nascimento:** 17/11/1933

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin

**Data da entrevista:** 16/08/2004

**Transcrição:** Karine Dalsin

**Conferência Fidelidade:** Camile Romero

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Giovani Frizo

**Fitas:** (01 fita) 70/01-A e 70/01-B

**Total de gravação:** 32 minutos

**Páginas Digitadas:** 18

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 01247/2005/01

**Nº da fita:** 01247/2005/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GUTERRES, Ilse Engel. *Ilse Guterres (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Prática desportiva nos anos 50; apoio da família e treinamento de vôlei; repercussão na mídia da época; entrada na ESEF; antigas sedes da Escola; professores e funcionários; Diretório Acadêmico; presença de militares na escola; relação dos professores com os alunos; Método Francês de ensino; utilização de uniformes nas aulas; divisão das turmas pelo sexo (masculino/feminino); Universidade 63; exames de Aptidão física para ingresso na Universidade.

Porto Alegre, 16 de agosto de 2004. Entrevista com Ilse Engel Gutterres, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Ilse, eu gostaria de começar perguntando como é que tu começaste a praticar esporte?

I.G. - Eu comecei a praticar esporte por intermédio das minhas tias e do meu pai, que foi um grande esportista. Comecei a jogar vôlei com elas, quando faltava alguém, eu entrava. Não sabia nada, mas eu fui aprendendo. Depois, no colégio, no Ginásio Farroupilha<sup>1</sup> e, depois, na SOGIPA<sup>2</sup>.

K.D. - Lembra, mais ou menos, que idade tu tinhas?

I.G. - Entre dez, onze anos que comecei. E entrei logo no time juvenil da SOGIPA. Fui campeã Porto-alegrense no time juvenil. Depois passei para categoria logo acima, aí entrei meio de reserva, mas fui me firmando e entrei de titular. Mais ou menos isso foi em 53, 52, 53.

K.D. - Além do voleibol, tu praticaste...

I.G. - Ah! Antes do voleibol, eu fiz atletismo no Ginásio Farroupilha. Eu fiz atletismo e fui para SOGIPA, que me descobriram lá no ginásio. Aí fui para SOGIPA trabalhar com o professor [palavra inaudível] [risos]. Aí, eu fui campeã de atletismo infantil: salto em altura, corrida, salto em distância e, depois, passei para juvenil, a mesma coisa. Depois, conheci os esportes coletivos e gostei mais porque não é tão monótono. E, nadei também um pouco no GPA<sup>3</sup>, depois passei para o União<sup>4</sup>, e depois parei de nadar porque eu comecei com o vôlei e não quis mais voltar para nada mais, só para o vôlei.

---

<sup>1</sup> Escola localizada no bairro Três Figueiras, na cidade de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Sociedade Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>3</sup> Club de Regatas Guaíba - Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba - Porto Alegre, o GPA. Manteve-se

K.D. - Como é que foi a tua ida para SOGIPA? Foi pelo voleibol?

I.G. - Foi pelo atletismo porque meus pais eram sócios lá, então nada mais comum do que tu seguir lá mesmo, não é?

K.D. - E tu te lembras quais eram as competições de voleibol que tinha naquela época?

I.G. - As minhas primas jogavam, a Míriam Werter e a Vera Werter, eram campeãs de voleibol e eu olhava os jogos delas e ia me entusiasmando, aí quando elas estavam saindo, eu comecei a entrar, foi a minha época, uns anos depois delas.

K.D. - Tu tinhas apoio da tua família para praticar esporte?

I.G. - Todo apoio. Tanto é que a minha mãe costurava os calções que nós usávamos, que eram de cetim, “bombachudinhos”, que senão era muito indecente [risos]. E a SOGIPA, era puro amadorismo, o nome dela, nunca deram nada, só o apoio assim moral, isso eu ganhei bastante. Tinha que comprar os tênis, a camiseta, tudo era por nossa conta.

K.D. - Me fala um pouco mais de como é que era o vôlei daquela época. Tu nos falaste dos uniformes...

I.G. - Bom, o vôlei se jogava com três levantadoras e três cortadoras, e era tudo mais - como é que eu vou dizer – fraquinho. Era mais elegante o jogo. Não tinha manchete, não tinha aquelas bolas violentas que tem hoje em dia, não existia bloqueio, isso tudo foi indo, foi melhorando com o tempo. Depois apareceu a manchete, aí muita gente já não agüentou jogar com aquilo, eu mesmo dava um gancho danado, que me chamavam de “capitão gancho”, que houve uma época que foi totalmente ilegal, aí me apaguei como jogadora porque não podia dar meu gancho. Agora já dá para dar um gancho meio batido, então, continuo a jogar daquele jeito, mas mais rápido, quando eu posso, não é? [risos].

---

como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

<sup>4</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

K.D. - Isso agora que tu jogas no master?

I.G. - Eu continuo jogando na SOGIPA, como veterana, então lá tem vários grupos. Muitos grupos com trinta cada um e de vez em quando nós fazemos um torneio que tem trezentas mulheres lá para jogar. Brincadeira! Já ganhei uma medalha este ano, com 70 anos, ganhei uma medalhinha, estes dias, num torneio, consegui ganhar.

K.D. - E como era a premiação de vocês, naquela época?

I.G. - [risos] Ficaram me devendo muitas medalhas que eu nunca vi a cor delas. A FARG<sup>5</sup> então, quase não dava medalhas. Tenho algumas guardadas aqui em casa, mas muito poucas. As coisas que eu ganhei, infantil e juvenil, nunca vi a cor de medalha, nenhuma.

K.D. - Tinha bastante público para assistir os jogos de vocês?

I.G. - No começo, a família. Depois começou a aumentar, porque a rapaziada toda ia ver as nossas pernas [risos] – Pai, tem umas empadinhas lá que eu vou lá buscar, tá?<sup>6</sup> – Pode ser? Desliga!

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. - Pode me falar um pouco, a gente estava falando de público, dos jogos, tu nos falaste da participação da família, e tu tiveste namorado enquanto tu jogavas vôlei?

I.G. - Eu tive alguns namorados, mas só paquera. Depois, quando eu conheci meu atual marido [risos], aí ele era do remo e foi presidente da FUGE<sup>7</sup>. Sabe o que é FUGE? Foi presidente da FUGE, aí ele foi na escola, nós nos reencontramos e aí seguiu o namoro e ele é esportista também. A gente compreende bem um o outro, por causa disto: esporte.

---

<sup>5</sup> Anteriormente chamada de LARG - Liga Atlética Rio-Grandense. Em 1941 com a regulamentação dos desportos no Brasil, passou a se chamar FARG - Federação Atlética Rio-Grandense

<sup>6</sup> Interrupção na entrevista por outra pessoa.

<sup>7</sup> Federação Universitária Gaúcha de Esportes.

K.D. - Por que algumas atletas tiveram dificuldade para... Por os namorados não gostar, por elas...

I.G. - Esse aí nunca me proibiu nada. O meu nunca me proibiu nada, e a maioria delas conheceram os maridos até quando elas jogavam. Naquela época, já não era muito comum de proibir, já tinha mais feministas.

K.D. - E a tua entrada na ESEF<sup>8</sup>?

I.G. - Bom, eu poderia ter entrado um ano antes, mas eu tinha uma amiga do peito, e nós combinamos de entrar juntas. Então, perdi um ano por causa disto, mas, enquanto isso, eu fazia bastante esporte e estava na seleção gaúcha de vôlei.

K.D. - Tu entraste na escola em 50?

I.G. - É, junto com ela. Nós duas nos matriculamos. Eu terminei o curso e ela continuou ainda, tirou técnica, tirou várias outras coisas que tinha.

K.D. - Como era o curso na tua época?

I.G. - Tinha professores ótimos, eram os melhores lá. O professor era o máximo, todos eram de alto gabarito.

K.D. - E, a sede da Escola?

I.G. - Era onde é o Cemitério João XXIII<sup>9</sup>, lá no morro do Cruzeiro. Era o Clube Cruzeiro<sup>10</sup>, que alugou a ESEF, depois transformou em Cemitério João XXIII.

K.D. - E que estrutura tinha lá para...

---

<sup>8</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Cemitério Ecumênico João XXIII, fundado no dia 27 de abril de 1972

<sup>10</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

I.G. - Olha, a estrutura era tudo de madeira, bem precário, mas tinha a pista de atletismo, campo de futebol, que era o que tinha.

K.D. - Ginásio?

I.G. - Não, ginásio não tinha. Tinha uma arquibancada lá, o campo de futebol e uns campos de basquete e vôlei do lado.

K.D. - Piscina?

I.G. - Piscina não tinha, nós nadávamos no Clube Gaúcho<sup>11</sup>.

K.D. - Tinha bastante alunos?

I.G. - Tinha bastante. Aluno é que não faltava. Era o único curso que tinha de Educação Física no Rio Grande do Sul nessa época, não tinha particular, era só esse.

K.D. - Como é que eram os alunos?

I.G. - Olha, de todas as camadas sociais, tudo misturado. Tinha gente que não tinha o mínimo jeito também, nem sabia o que era aquilo, foi aprender lá.

K.D. - Mais mulheres ou mais homens?

I.G. - Um pouco mais de mulheres.

K.D. - Mas o curso era voltado a formar professores?

I.G. - Professores! A parte de pedagogia era muito marcante.

K.D. - Tu exerceste a profissão?

I.G. - Exerci a profissão no interior do Estado e também trabalhei um ano na Prefeitura de Porto Alegre<sup>12</sup> como - como é que eu vou dizer - instrutora de tudo que é esporte e no jardim de infância, trabalhei um ano. Aí me casei, fui para o interior, trabalhei lá em escola normal, dei aula de Educação Física. Trabalhei um ano lá, só um ano, depois eu fiquei grávida e aí eu parei um pouco. Naquele tempo, a gente parava [risos] quando ficava grávida. Hoje em dia, não se pára mais, não precisa.

K.D. - Tu te recordas do Diretório Acadêmico da tua época?

I.G. - Tinha essas coisa, mas eu nunca me meti em nada, não gostava da parte burocrática da história.

K.D. - Mas tu te lembras de alguma atividade que o Diretório fazia na Escola, alguma coisa assim?

I.G. - Fazia, de vez em quando, fazia desfile de Sete de setembro<sup>13</sup>, essas coisas assim. Alguma festa que a gente dançava, mas era só.

K.D. - A Educação Física era muito ligada aos militares, tu tinha colegas militares?

I.G. - Tinha vários colegas da Brigada Militar<sup>14</sup>, inclusive um professor, o Dr. Mariante<sup>15</sup>, era da Brigada Militar.

K.D. - E tu poderias fazer alguns comentários sobre o currículo? Como era o currículo da Educação Física?

I.G. - Olha, era tudo bem de acordo. Na época, era a escola francesa que a gente seguia, quase todas as matérias eram ligadas à Educação Física francesa. Era a que seguia, depois evoluiu. Agora, nem sei como é que está, porque nunca mais fui lá, mas eu tenho contato

---

<sup>11</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>12</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>13</sup> Feriado Nacional, Dia da Independência.

<sup>14</sup> Polícia Militar do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Cap. Dr. Ary da Costa Mariante, professor de Metodologia em 1942.

com alunos, inclusive a minha técnica do vôlei, a Kika<sup>16</sup>, é formada em Educação Física. Então, eu vejo qual é o tipo de... Naquele tempo, não tinha muito alongamento, coisa que tem muito agora é alongamento e, naquele tempo, nem se sabia o valor de um alongamento, aquecimento já tinha, mas muito pouco. Alongamento, agora a gente faz e não tem dor nenhuma depois, antigamente vivia louca de dor.

K.D. - Quais eram as tuas disciplinas preferidas?

I.G. - Era jogo. Vôlei, vôlei, natação, tênis, basquete e atletismo. A parte teórica [risos] ninguém gosta muito.

K.D. - O futebol, vocês não jogavam?

I.G. - Feminino não. Não existia futebol feminino naquela época.

K.D. - E, caso vocês tivessem que dar este conteúdo em aula?

I.G. - Aí, sempre era escolhido um homem para dar futebol, inclusive nós tivemos o Mendes Ribeiro<sup>17</sup>, que foi goleiro em clube de futebol, ele era o chamado professor, e era aluno da Escola e nosso colega.

K.D. - Poderias me falar um pouquinho do cotidiano da Escola, os horários que vocês tinham aula?

I.G. - Era de manhã, começava com a aula teórica e depois ia para parte prática e ao meio dia terminava. E, de tarde, nunca tinha nada, só de manhã, e às vezes na parte prática, se fosse aula de natação, a gente tinha que sair da Escola e ir lá para o Clube Gaúcho.

K.D. - De segunda a sexta?

---

<sup>16</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>17</sup> Antonio Carlos Becker Mendes Ribeiro

I.G. - É, tinha dias da semana que tinha aula de natação e a dona Tony Petzhold<sup>18</sup> que foi nossa professora, ela dava aula de natação com um casacão de pele, aí ela mostrava [risos] os movimentos com aquele casacão de pele de pé no chão ali no clube. Era uma diversão aquela professora, era muito gozada a aula dela, com saia de baixo, rasgada... [risos] Isso aí não pode sair [risos].

K.D. - Isso são os fatos pitorescos, as histórias. Tu te lembras de alguma outra história interessante?

I.G. - Não sei, não me lembro mais. Ah! Tinha a tal da ginástica rítmica que era horrível para mim, que eu não tenho o menor jeito. Aí a gente tinha que fazer uma composição de dança. Para fazer a composição não tinha problema nenhum, mas depois para executar, era outra história. Aí a dona Lia<sup>19</sup> queria me reprovar, e a dona Tony disse para ela assim: “Mas ela não vai dançar, ela só vai ter que ensinar os alunos”. Aí eu passei. [risos]. Elas eram antagônicas as duas.

K.D. - Por que?

I.G. - A rivalidade! Pensa que não tinha essas coisas naquela época? Tinha também! Sempre teve!

K.D. - E, relação aluno com aluno, como era?

I.G. - Olha, era bem democrático, tudo era muito bom. Sempre me relacionei bem com os alunos, com as minhas colegas, todas elas, foi muita democracia, como eu digo. Não tinha essa de alguém ser melhor que o outro.

K.D. - E, com os professores, alunos e professores?

---

<sup>18</sup> Antônia Seitz Petzhold. Professora de natação em 1942.

<sup>19</sup> Lia Bastian Meyer.

I.G. - Ah, eu tinha muito respeito pelos meus professores. Eu nunca fui muito de afrontar. Agora tinha uma [sussurro] fofoca. Tinha uma secretária lá, naquela época, que era terrível, a Dona Marina<sup>20</sup>, era o terror [sussurro]. Posso contar essas coisas?

K.D. - Pode!

I.G. - Dona Marina ficou conhecida por dar o primeiro lugar para um aluno de segunda época.

K.D. - A troco de quê?

I.G. - [sussurro] [palavra inaudível] e ela implicava muito com um colega meu, o Gérson<sup>21</sup>, porque ele era sabatista – daquela religião que não permitia ele ir à aula sábado – então ela brigava com ele por causa das faltas que ele tinha.

K.D. - Tu podes ficar a vontade para falar o que tu quiseres...

I.G. - Ah, não porque tu vai cortar isso aí, hein? [risos] Tem coisa aí que é fofoca.

K.D. - Mas faz parte da história da Escola!

I.G.- Não. Faz é as coisas que eu me lembro. De vez em quando, eu me encontro com uma amiga minha, essa que eu fiz junto com ela, lá no Imbé<sup>22</sup>, nós vamos na praia e conversamos com o Gérson. Então, sai cada história dali que só vendo mesmo, nos lembrando do que aconteceu... Tá chega!

K.D. - Bom, continuando aqui...

I.G. - Ai meu Deus!

K.D. - Vocês tinham uniformes para as aulas?

---

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

I.G. - Existia uniforme, uma saia que fazia assim ó...

K.D. - Transpassada?

I.G. - Transpassada! Saia azul marinho, transpassada. De vez em quando, batia um vento, era um desastre a saia, que abria...

K.D. - Era obrigatório esse uniforme?

I.G. - Era. Mas não era muito rígido, neste tempo. Às vezes a gente não precisava ir com o uniforme. A gente ia para poupar roupa, porque a roupa, naquele tempo, era muito escassa. Pronta não se encontrava.

K.D. - E as turmas eram divididas por sexo?

I.G. - Sim, os esportes mas a aula teórica era tudo junto, misturado e as aulas práticas: basquete, futebol, vôlei, era homem separado de mulher, cada um tinha a sua parte ali.

K.D. - Professores homens davam aula prática para as meninas?

I.G. - É, sim.

K.D. - Vocês tinham testes físicos?

I.G. - Tinha! Exame oral e exame prático da matéria. Tinha que fazer demonstração.

K.D. - E como é que eram esses exames?

I.G. - Tinha que pular, tinha que saltar, tinha que correr. Tudo medido, tudo medidinho.

K.D. - E o oral?

---

<sup>22</sup> Praia do Litoral do Rio Grande do Sul.

I.G. - O oral era à parte, era a parte teórica das matérias, que a gente tinha que explicar como é que era e tal, falar sobre a matéria.

K.D. - Prova escrita?

I.G. - Também tinha. Escrita, oral, prática, tudo.

K.D. - Tu te lembra se a ESEF, na época, tinha projetos de pesquisa ou de extensão?

I.G. - Extensão, era depois, a parte técnica que tu tiravas mais um ano. Isso aí. Ou especialização em algum item aí, por exemplo: danças, ou futebol, podia se aperfeiçoar.

K.D. - Mas de alguma maneira, vocês entravam em contato com a comunidade ao redor, vocês davam aula para crianças da comunidade, tinha algum projeto?

I.G. - Não, dava aulas. Dava aula, por exemplo, naquele dia, tinha que dar aula para a própria turma, a gente dava aula, mas não saí dali.

K.D. - Vocês tinham estágio em escola?

I.G. - Que eu me lembre, não. Para tu ver como evoluiu.

K.D. - Mudou, né? [risos]

I.G. - Melhorou acho. Tem que melhorar!

K.D. - Hoje, se fala muito de mobilizações, de paralisações e durante aquela época?

I.G. - Não teve nenhuma greve. Nem se ousava fazer isso.

K.D. - Em 52 tu te formaste e aí tu foste para o interior do Estado?

I.G. - Não, aí eu fui trabalhar na Prefeitura um ano.

K.D. - E jogaste na SOGIPA naquele tempo?

I.G. - E jogava, e continuei sempre jogando na SOGIPA. Depois em 55 me casei e fui morar no interior.

K.D. - E paraste de jogar vôlei?

I.G. - Parei de jogar porque não tinha time nesse lugar que eu fui.

K.D.- Te lembra do campeonato de 52 que aconteceu, o Brasileiro,<sup>23</sup> em Porto Alegre?

I.G. - Lembro.

K.D. - O que tu te lembras para contar?

I.G. - O nosso treinador foi o pior possível – o Godoy<sup>24</sup> – [risos] Ele tinha a esposa dele no time do Inca. E nós ganhávamos do Inca<sup>25</sup>, mas quem jogava no Campeonato Brasileiro era o time da Inca, então ele não dava muita chance para gente, porque a mulher mandava nele, então ficou assim. E foi feito esse campeonato no ginásio do Colégio Batista<sup>26</sup>.

K.D. - Tu jogaste?

I.G. - Joguei.

K.D. - Na seleção gaúcha?

I.G. - Sim, mas não tinha muita chance não, porque ele preferia as jogadoras do time dele. E ele era técnico, ele devia ser isento.

---

<sup>23</sup> Campeonato Brasileiro de Vôlei, que aconteceu em 1952, em Porto Alegre.

<sup>24</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>25</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>26</sup> Localizado na Avenida Cristóvão Colombo, em Porto Alegre.

K.D. - Naquele campeonato eu ouvi falar da Helena Bins<sup>27</sup> que jogou muito bem.

I.G. - Sim, jogou, nem sei se a Helena jogou naquela época. Jogou sim! Mas nós perdemos todas.

K.D. - Como era o Rio Grande do Sul, em relação ao voleibol dos outros Estados?

I.G. - Olha, era mais ou menos igual, um pouquinho inferior, porque lá em São Paulo tinham muito mais técnicos, era mais avançado.

K.D. - Com esse campeonato, aconteceu junto o masculino ou aconteceu só o campeonato feminino?

I.G. - Aí que eu não me lembro. Acho que foi só feminino, não me lembro se teve masculino.

K.D. - Participaste da seleção gaúcha em alguma outra oportunidade?

I.G. - Sim sempre, anos seguidos, todos os anos.

K.D. - Jogos Universitários?

I.G. - Quando tinha Jogos Universitários eu nunca concorri, nunca deu, nunca entrei.

K.D. - Mas tinha na época que tu estavas na ESEF?

I.G. - Tinha, mas olha, vôlei feminino, eu acho que até nem entrava naquele tempo. Não me lembro de ter jogado no Universitário. Depois, eu me lembro que teve, o treinador era o tal do Isaque<sup>28</sup>. Treinador, esse cara eu nunca treinei com ele, tanto é que eu nunca joguei no Universitário. Ai como a gente esquece as coisas.

---

<sup>27</sup> Elena Bins Livi

<sup>28</sup> Nome sujeito à confirmação.

K.D. - Voleibol era um esporte bastante praticado entre as moças, tu te recordas que outros esportes as moças praticavam?

I.G. - Basquetebol! Basquete, jogavam bastante. A SOGIPA tinha um time muito bom, agora não tem mais, acabou.

K.D. - Mas o basquete é posterior ao vôlei, né?

I.G. - É posterior ao vôlei. Até cheguei a jogar um pouco também. Quem foi boa no basquete foi a Magda<sup>29</sup> [palavra inaudível]. Pergunta para ela, que ela sabe tudo.

K.D. - E tu te recordas como é que eram os treinamentos de vocês? Vocês eram, digamos, a elite do vôlei gaúcho.

I.G. - Nós tínhamos técnicos que eu vou te contar, não entendiam nada da coisa, era só para animar a gente, mas a parte técnica eles não sabiam. O Viana<sup>30</sup> que sabia mais ou menos e o Godoy até que sabia, só que ele puxava para o lado dele. Então, a parte técnica era muito primitiva, vamos dizer.

K.D. - E a parte física?

I.G. - Começava o aquecimento com bate-bola, não fazia nada antes, movimentos e alongamento, nem pensar.

K.D. - Quantas vezes vocês treinavam por semana?

I.G. - Duas. Era bem pouco, aí não dava para se lesionar muito.

K.D. - E, tinha competições freqüentemente?

---

<sup>29</sup> Magda Burger Rive.

<sup>30</sup> Nome sujeito à confirmação.

I.G. - Tinha, tinha sim. Campeonato da cidade, Campeonato Gaúcho, depois se fosse para Campeonato Brasileiro, a gente ia se fosse escolhida, né? E aí, às vezes, pegava um técnico, um pouquinho melhor, eles não sabiam nada de nada.

K.D. - E o relacionamento entre as jogadoras?

I.G. - Era bom, muito bom.

K.D. - Entre vocês jogadoras?

I.G. - Entre as próprias jogadoras era, mas com o time contrário a coisa era meio provocativa, às vezes.

K.D. - Mas entre as jogadoras, tinha rivalidade por ser titular?

I.G. - Entre elas tinha por causa do lugar. Cada uma queria ser melhor que a outra para entrar no time.

K.D. - E teve a Federação. Mudou alguma coisa?

I.G. - Sim. Primeiro era a FARG, depois era só do vôlei. A Federação do Vôlei. Nem sei como é o nome da Federação do Vôlei, como é que é agora?

K.D. - Federação Gaúcha de Vôlei.

I.G. - Gaúcha de vôlei! E, primeiro era a FARG, então, era todos os esportes eram da FARG, aí começou a se dividir.

K.D. - Mas no cotidiano do vôlei, teve alguma mudança que as atletas sentiram, em relação ao vôlei ou teria sido uma mudança mais burocrática?

I.G. - Foi mais burocrática mesmo. Eu não me lembro de ter dado nenhum problema de brigas e coisa assim, nunca teve, foi tudo tranqüilo.

K.D. - E em relação ao incentivo financeiro para jogar?

I.G. - *Zero virgula zero!* A gente bancava tudo. A família da gente. Tênis, calção, camiseta, o clube não dava nada, era puramente amador.

K.D. - E, quando vocês tinham que viajar e era a seleção gaúcha?

I.G. - Ah bom, se a gente tinha que viajar aí a Federação dava a viagem para gente e a estadia no hotel, ou seja num alojamento qualquer, isso a gente não pagava nada.

K.D. - Tu assististe a Universíade<sup>31</sup> em 63?

I.G. - Não. A Universíade quem sabe é ele que foi presidente da FUGE. Nem olhei nada, era coisa de colégio mais, né? Então a gente já era considerada categoria superior.

K.D. - E no período que tu jogaste na SOGIPA, como era a vida social dos jovens, era vinculada ao clube?

I.G. - Ah, era tudo vinculado ao clube. Tinha baile, tinha reuniões dançantes, essas coisas todas, fazia parte.

K.D. - Esse gravador!

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.G. - Eu queria nadar e meu avô proibia e ela ia jogar o tal de trampolim e não podia o meu avô saber, aí depois ele morreu e ela ficou mais livre. Aí, depois, ela começou com o vôlei.

K.D. - Tinham algumas modalidades que não eram bem vistas para mulheres e o vôlei foi bem aceito...

I.G. - Foi bem aceito, o basquete apareceu depois de 50 por aí, começou a aparecer um pouco de basquete e aí foi até muito bem e depois sumiu de novo, não sei porque, não tem basquete no Rio Grande do Sul. Não tem. Mas já teve! Bom, fala com a Magda. A Magda é que sabe do basquete, ela foi até treinadora.

K.D. - Como é que era o apoio dos jornais?

I.G. - Olha, a Folha da Tarde<sup>32</sup> que existia naquela época, tinha o Túlio De Rose<sup>33</sup>, que fazia todas as reportagens sobre esporte, ele apoiava muito, saía foto, saía algum comentário sobre esporte, todos jogos, no dia seguinte, a gente ia ver na Folha da Tarde se a gente tinha aparecido ali. Era bem apoiado.

K.D. - Tu te recordas dos Jogos Abertos Femininos na Folha da Tarde?

I.G. - Ah, sim! Tinha aqueles jogos da Semana da Pátria, tem fotos aqui que eu te mostrei, que tinha vôlei, e tinha alguma outra coisa que eu não me lembro o que era, acho que era atletismo.

K.D. - Que era organizado?

I.G. - Pela FARG.

K.D. - Porque teve os Jogos Abertos Femininos que eram várias modalidades e que era a Folha Esportiva, a Folha da Tarde que promovia e era na SOGIPA.

I.G. - E com a FARG também. Teve inauguração do estádio também. Eu tenho até uma medalha da inauguração do estádio, foto não sei se eu tenho, devo ter alguma coisa.

---

<sup>31</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>32</sup> Jornal do Grupo Caldas Jr. do Rio Grande do Sul.

<sup>33</sup> Jornalista esportivo do jornal Folha da Tarde.

K.D.- Para finalizar, eu gostaria que tu falasses um pouquinho, uma visão geral da modalidade que tu te envolveu, no caso o voleibol, e como tu vê o processo de desenvolvimento do vôlei ao longo do tempo.

[FINAL DA FITA 70/01-A]

I.G. - A gente nem pensava em história de “doping”, nem se conhecia esses produtos para aumentar o rendimento, mas a gente era uma competidora bem feroz, fazia de tudo para ganhar o jogo. Tem que treinar, treinar, mas até que a gente não treinava como se treina hoje, eram só duas vezes por semana, uma noite assim, das 7 até às 10, até às 11. A gente podia andar na rua, não tinha problema nenhum para andar na rua de noite. Ainda bem que evoluiu bastante o vôlei, agora as regras mudaram, a gente está acompanhando sempre. Para saber como é que está valendo tudo, então estou achando ótimo, adoro. Tu viu. [risos] Olhando jogo.

K.D. - Ilse, muito obrigada, espero contar contigo.

I.G. - Se tu quiser mais alguma coisa, algum dia tu me liga. Não sei se tu quer levar alguma dessas fotos?

[FINAL DO DEPOIMENTO]